

Modernizar para progredir: a relação entre as transformações físicas de Teresina e a construção de um imaginário de progresso (1971-1975)

Autora: Talita Kamache R. de Lima

Mestre em História do Brasil – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil-UFPI
talitakamachesd@hotmail.com

Resumo

Este artigo pretende refletir sobre as transformações físicas que aconteceram na cidade de Teresina, capital do Piauí, nos anos de 1971 a 1975 e como essas modificações ajudaram na construção de um imaginário de progresso na população desta cidade. Período de grandes mudanças na capital, levadas a cabo pelo então governador do estado Alberto Silva¹, homem de grande visão e que tinha o intuito de transformar Teresina em cartão-postal do Piauí. O ideal de progresso deveria ser inculcado no imaginário da população para que a modernização ocorresse de fato. Utilizamos como fontes de pesquisa, o jornal O Dia nos anos de 1971-1975 e mensagens governamentais do período, que nos possibilitam visualizar as transformações na cidade e a construção desse imaginário de progresso.

Palavras-chave: Cidade. Imaginário. Progresso.

Abstract

This article aims to reflect on the physical transformations that occurred in the city of Teresina, capital of Piauí, in the years 1971 to 1975 and how these changes have helped in the construction of an imaginary population of progress in this city. Period of great change in the capital carried out by the then state governor Alberto Silva, man of great vision and had the idea of turning Teresina in Piauí postcard. The ideal of progress should be instilled in the minds of the population for the modernization occurred in fact. Used as research sources, the newspaper O Dia in the years 1971-1975 and the period government messages, which enable us to visualize the changes in the city and this imaginary construction progress.

Keywords: City. Imaginary. Progress.

1 Alberto Tavares Silva nasceu em Parnaíba em 10 de novembro de 1918 e morreu em Brasília no dia 28 de setembro de 2009. Foi engenheiro civil, engenheiro eletricitista, engenheiro mecânico e político brasileiro filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro. Governou o Piauí por duas vezes. Presidente do diretório regional do PMDB no estado, desempenhou uma atividade política de mais de seis décadas, tendo falecido no exercício de seu segundo mandato de deputado federal vítima de insuficiência respiratória.

As cidades são antes de tudo uma experiência visual. Traçado de ruas, essas vias de circulação ladeadas de construções, os vazios das praças cercadas por igrejas e edifícios públicos, o movimento de pessoas e a agitação das atividades concentradas no mesmo espaço. E mais, um lugar saturado de significações acumulados através do tempo. [...]

Maria Stella Brescianni

A cidade de Teresina, capital do Piauí, desde que surgiu foi inspirada pelo imaginário de progresso. A ideia de transferir a capital do Piauí para outra região, mais bem localizada e que teria uma maior comunicação com os outros estados do Brasil, informa-nos um imaginário de progresso na mente de seus idealizadores. Como nos afirma Francisco Alcides do Nascimento “Teresina é uma cidade que nasceu sob o signo do moderno.” (NASCIMENTO, 2010.) E esse sentimento de ser moderno permeará por vários anos as cabeças e os corações de uma gama de indivíduos, dentre os quais pode-se destacar os administradores municipais, médicos, engenheiros, poetas e cronistas. Apesar dos inúmeros problemas que a capital possuía, o que se mostrasse como um empecilho para que Teresina se incluísse no cenário nacional como mais uma cidade em crescente desenvolvimento, deveria ser prontamente resolvido.

Na década de 70 o estado do Piauí passa pelo maior processo de modernização física, social, moral e econômica até aquele período, tendo como um dos vetores aquilo que alguns economistas como Roberto Campos, Leda Paulani, entre outros, chamaram de “milagre econômico”. No caso específico de Teresina, as transferências federais e os empréstimos contraídos junto ao capital internacional permitiram que os governos estadual e municipal desencadeassem um conjunto de intervenções na capital, visando transformá-la em foco de atração para turistas. Assim, largas avenidas foram abertas e pavimentadas e outras foram reformadas. Outros logradouros tiveram a mesma sorte.

Tendo em vista o momento econômico que o Brasil vivia, podemos perceber que:

a circulação de riquezas não aconteceu da mesma forma em todos os estados brasileiros, mas a inclusão de Teresina em planos formulados pelo governo federal permitiu intervenções espaciais que modificaram completamente a paisagem urbana da capital do Piauí. Todavia, é necessário também informar que o crescimento populacional da cidade, bem como, a incapacidade do Estado e do mercado em criar a quantidade de empregos, de moradias demandadas pelos novos moradores da cidade, agravava os problemas sociais de Teresina (NASCIMENTO, 2010.)

A camada pobre da cidade estava se avolumando, vivendo em condições de vida precária, chamando a atenção dos olhares dos governantes, pois em um imaginário de progresso não cabia pessoas pobres, sujas e desempregadas. Na realidade, elas até cabiam, mas em locais bem distantes e longe dos olhares dos visitantes. Em contraste a essa vontade da elite econômica e intelectual da cidade de manter as pessoas pobres afastadas das zonas centrais, o crescimento da cidade chamava a atenção de outros nordestinos, ou até mesmo do interior do Piauí, que viam em Teresina mais uma chance de um futuro melhor. Teresina se transforma na cidade-ímã que nos informa Raquel Rolnik⁵: um pólo de atração populacional que engloba, assim, a cidade do desejo, pois toda essa gama de pessoas que fazem o deslocamento para a urbe o faz desejando ter uma vida melhor. Parte do contingente que chegou a Teresina ajuda literalmente na construção da nova capital, festejada através da imprensa.

5 Para conceito de cidade-ímã ver: ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

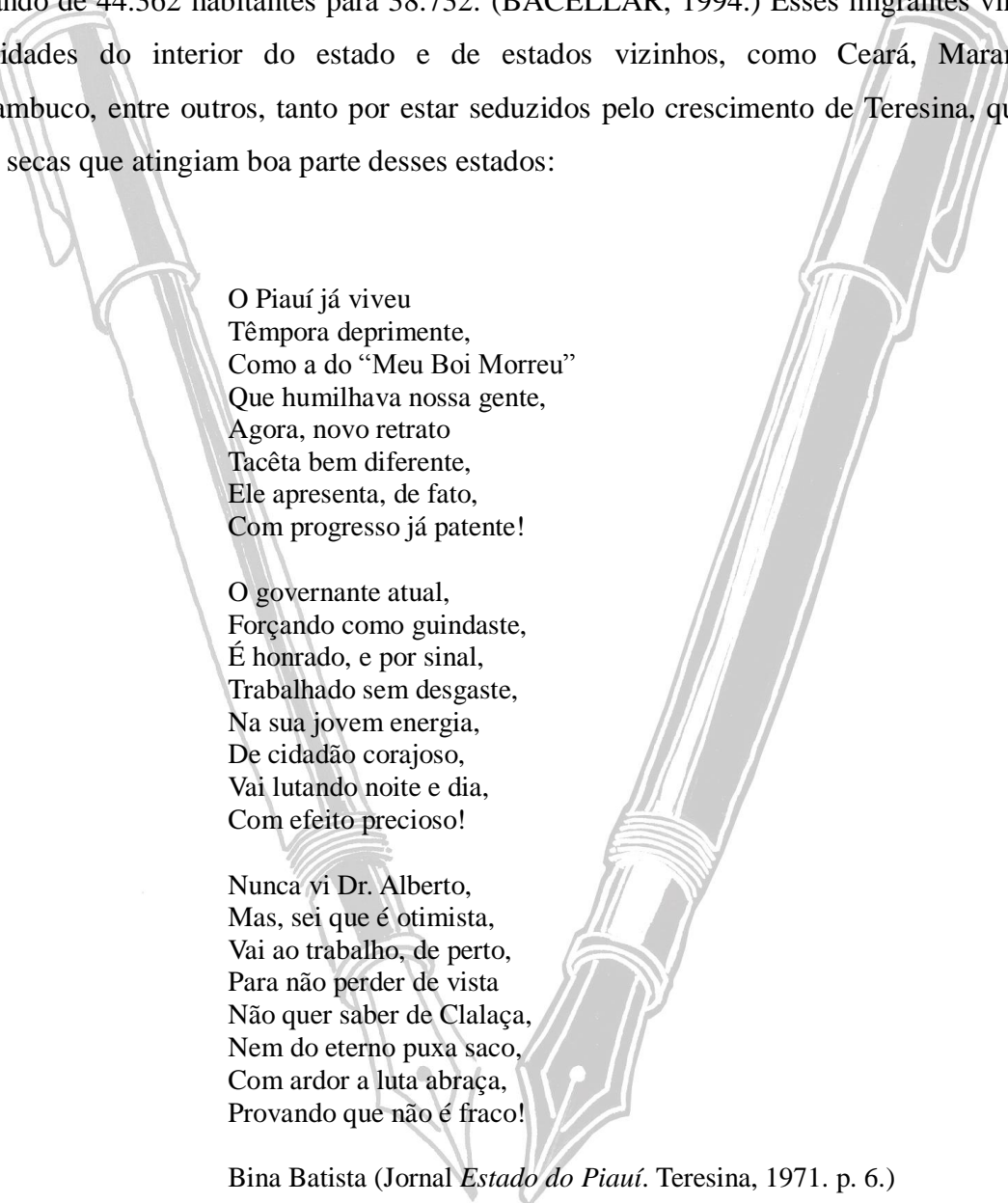


Imagem 1: O Dia. Teresina, s/ano, nº 3572, 15 mar 1972. Caderno Especial. Acervo Arquivo Público do Piauí - Casa Anísio Brito. Propaganda Construção Civil.

Acima temos a imagem de uma propaganda do governo em um jornal diário da cidade. A imagem nos remonta a um Piauí que estava crescendo, se desenvolvendo e que como capital, Teresina estava incluída nesse projeto. O jornal O Dia foi um dos veículos de informação que recebeu grandes investimentos por parte do governo, e como nada é por acaso, a imagem do governo transmitida por esse jornal não poderia ser diferente. A imagem do governador Alberto Silva ao centro do mapa do Piauí resplandecendo mostra a construção que se queria realizar em torno de sua figura, o grande idealizador do desenvolvimento do estado.

Do lado esquerdo da imagem vemos um filme de máquina fotográfica, onde observamos diversas indústrias, campos com fábricas, torres possivelmente de telecomunicações, e do lado esquerdo o governante que era o motor capaz de fazer tudo isso acontecer, apesar de que para Teresina a ordem era implantar a indústria sem fumaça, ou seja, a do turismo. Por não possuir praias Teresina acabava não se tornando tão atraente aos olhos dos turistas, entretanto era banhada por dois rios, Parnaíba e Poty, onde Alberto Silva queria reimplantar a navegação que à época já não era mais possível.

Entre 1960 e 1980, período em que foram construídos grandes conjuntos habitacionais em Teresina, a população urbana passou de 98.329 habitantes para 339.042, representando um incremento de 244.80%. No mesmo período, a população rural regrediu, passando de 44.362 habitantes para 38.732. (BACELLAR, 1994.) Esses migrantes vinham de cidades do interior do estado e de estados vizinhos, como Ceará, Maranhão, Pernambuco, entre outros, tanto por estar seduzidos pelo crescimento de Teresina, quanto pelas secas que atingiam boa parte desses estados:



O Piauí já viveu
Têmpora deprimente,
Como a do “Meu Boi Morreu”
Que humilhava nossa gente,
Agora, novo retrato
Tacêta bem diferente,
Ele apresenta, de fato,
Com progresso já patente!

O governante atual,
Forçando como guindaste,
É honrado, e por sinal,
Trabalhado sem desgaste,
Na sua jovem energia,
De cidadão corajoso,
Vai lutando noite e dia,
Com efeito precioso!

Nunca vi Dr. Alberto,
Mas, sei que é otimista,
Vai ao trabalho, de perto,
Para não perder de vista
Não quer saber de Clalaça,
Nem do eterno puxa saco,
Com ardor a luta abraça,
Provando que não é fraco!

Bina Batista (Jornal *Estado do Piauí*. Teresina, 1971. p. 6.)

A imprensa piauiense veiculava constantemente notícias de crescimento da cidade, de apoio e comprometimento do governador do estado com o crescimento e de construção de conjuntos habitacionais, como o Parque Piauí, cuja construção teve início em 1968 e processo de ampliação em 1978. A imagem que era repassada pelos jornais à

população parecia está sendo absorvida, percebemos isso nas estrofes de Bina Batista, ao falar que mesmo sem conhecer o governador sabe que este não mede esforços, é um homem trabalhador e que luta noite e dia, com certeza para fazer o Piauí crescer.

A imprensa escrita nesse momento, e em outros, é utilizada para incutir a ideia de progresso no imaginário social, reforçando ideologias, disseminando ideias, produzindo sentidos aos discursos governistas, aos discursos de cronistas. Os articulistas informavam diariamente os crescentes investimentos do governo, mas também faziam denúncias sobre falta de equipamentos públicos eficientes, falta de água tratada, falta de calçamento em ruas, vegetações invadindo as principais avenidas da cidade, surtos epidêmicos, enfim eram muitas as denúncias. Entretanto, o que observamos e consideramos é que essas denúncias não tinham apenas o objetivo de informar o descaso por parte do governo, pode até ser que sim, mas o que parece mais evidente, tendo em vista o momento que se estava vivendo, é a intenção de reforçar a ideia de que aqueles problemas não deveriam existir em uma cidade que se queria moderna e que caminhava rumo ao progresso, conseqüentemente alertando os administradores.

Autores como James William Goodwin Junior nos dá a dimensão do papel da imprensa enquanto difusora de um ideal de cidade, de comportamento, entre outros.

A Belle Époque difundiu idéias e conceitos sobre progresso e civilização, tendo no espaço urbano sua síntese mais visível, notadamente em países economicamente periféricos. A imprensa teve papel destacado na propagação desses conceitos urbanos, com ênfase sobre o comportamento dos cidadãos. Das diferentes seções dos jornais, as páginas de anúncios eram vitrines de papel: produtos, valores e hábitos relacionados a essa nova vivência estavam ali estampados. (GOODWIN JUNÍOR, 2007.)

Em Teresina podemos observar a imprensa também como uma vitrine, no que diz respeito à saúde pública, difundido campanhas de vacinação, campanhas de higiene nos mercados públicos, fazendo reportagens que mostram a importância do médico, muitas vezes enaltecendo as obras do governo e em outras mostrando o descaso que existia nos hospitais públicos com as pessoas pobres. Percebemos assim os valores que permeavam o imaginário social, valores de medicalização, corpos dóceis, limpos e saudáveis para estarem em consonância com a cidade moderna. Podemos entender essas reclamações

como uma maneira de chamar a atenção dos governantes para a importância de medicalizar essas pessoas.

James Goodwin nos chama a atenção para a forma como o historiador deve lidar com o discurso da imprensa, pois esse é uma representação da cidade, que não é verdadeira nem falsa, apenas corresponde aos desejos e anseios de quem escreve ou subsidia a publicação.

A pesquisa bibliográfica ambienta e instrumentaliza o historiador para melhor avaliar e interpretar os textos impressos; mas é neles que encontramos o discurso construído pelos *homens de imprensa*, a representação de cidade moderna que publicam, as relações estabelecidas entre as idéias gerais e a particularidade de cada local. É na leitura dos jornais que enxergamos, também, os limites dessa cidade, seja da (in)eficácia de sua implementação, seja nos parâmetros de inclusão/exclusão estabelecidos. (GOODWIN JUNÍOR, 2007.)

As fontes hemerográficas servem ao historiador como fonte privilegiada, pois representam um determinado momento, um determinado fato e propiciam a montagem de um painel de múltiplas e variadas representações de uma época. Como defende Pesavento, “[...] importa resgatar a cidade do desejo, realizada ou não, mas que existiu como elaboração simbólica na concepção de quem a projetou e a quis concretizar” (PESAVENTO, 1995), dessa forma os jornais nos possibilita isso, não perdendo de vista o olhar crítico, seguindo sempre os rastros de um passado que está sempre em movimento, pululando.

Essa fonte tem o poder de disseminar idéias e homogeneizar o imaginário de uma época. O historiador José D'Assunção Barros argumenta que “o imaginário é algo que faz parte do cotidiano dos indivíduos e se faz tão presente quanto aquilo a que atribuímos o valor de real ou considerado como algo concreto”. (BARROS, 2009). É a formação desse imaginário que procuramos analisar, o que norteia as práticas do cotidiano dos indivíduos teresinenses. Percebemos que existiram em Teresina, na década de 70, em especial, basicamente dois imaginários. Um que pertencia à camada mais abastada da sociedade e outro que pertencia à camada pobre da cidade, esses dois imaginários coexistiam e se conflitavam, tendo em vista que a elite econômica e intelectual teresinense considerava os

pobres urbanos como um empecilho ao progresso. Dessa forma podemos aludir ao historiador Jules Michelet quando coloca o imaginário não apenas como local de expressão de expectativas e sonhos, “mas também como o lugar de lutas e conflitos, entre os grupos sociais com recursos e os desprovidos de bens.” (BACZKO, 2011.)

No período da administração de Alberto Silva, Teresina passa por inúmeras transformações em seu físico, todas elas entoadas por um desejo de progresso, desejo de retirar o Piauí do anedotário nacional como o Estado mais pobre da federação, e para tanto a sua capital deveria ser revigorada. A construção civil era um setor que estava em amplo crescimento. Grandes obras públicas foram realizadas nesse período, entre as quais o estádio “O Albertão”, o Hospital de Doenças Infecto-Contagiosas, a reforma da sede do governo, a reforma no Hospital Getúlio Vargas e obras de infra-estrutura na cidade, tais como pavimentação das ruas do centro e a reforma no passeio central da Avenida Frei Serafim. A economia piauiense crescia e se tornava estável o suficiente para que se pudessem realizar as mudanças projetadas por Alberto Silva.

Inicialmente, o governador pensou na remodelação do passeio da Avenida Frei Serafim e do Palácio de Karnak, cartões-postais da cidade. Os arquitetos responsáveis pelos projetos foram Acácio Borsói e Janete Costa¹³, e o paisagista Burle Max também foi convidado para cuidar do paisagismo dos jardins do palácio de governo. Percebe-se o quão grande era o interesse desse gestor em deixar Teresina em consonância com as outras capitais do país:

“Ao assumir o governo em março de 1971, não prometi milagres, mas tomei o compromisso de dedicar-me de corpo e alma, à tarefa de promover o desenvolvimento do Piauí.” (O Dia. 1972. p. 1.)

Essa é a fala do governador do estado ao jornal O Dia, expressando o seu desejo de fazer o Piauí crescer. “O Albertão” foi uma espécie de ponto máximo do governo de Alberto Silva no que diz respeito ao turismo, pois o estádio foi construído com o intuito de inserir o Piauí no campeonato nacional de futebol, chamando a atenção da população do Piauí e de outros estados do Nordeste, que também construíam estádios de futebol no

1 3 Arquitetos pernambucanos.

mesmo período – estádios como “O Castelão” em Fortaleza, o “Serra Dourada” em Goiânia, entre outros. Seguindo ainda a linha de implantação da indústria do turismo, inicia-se a reforma do Hotel Piauí, o único hotel da cidade que poderia hospedar turistas com um mínimo de conforto foi totalmente reformado. Criou-se a secretaria de turismo do Piauí, a PIEMTUR, que foi criada com o intuito de desenvolver esse aspecto do Piauí, tão pouco explorado.

A construção civil era um setor que estava em amplo crescimento. Grandes obras públicas foram realizadas nesse período, entre as quais o estádio “O Albertão”, o Hospital de Doenças Infecto-Contagiosas, a reforma da sede do governo, a reforma no Hospital Getúlio Vargas e obras de infra-estrutura na cidade, tais como pavimentação das ruas do centro e a reforma no passeio central da Avenida Frei Serafim.

Como seguimento do projeto “a intenção [era] de transformar a Avenida Frei Serafim num Boulevard, como ele sempre chamava.” (TEIXEIRA, 2010.) Um Boulevard, porque assim como alguns outros administradores, e em especial, Pereira Passos em sua reforma do Rio de Janeiro, o modelo de modernização era a cidade de Paris, quando esta foi remodelada por Haussman. A Avenida Frei Serafim, a principal avenida da cidade ganhou um passeio central, ficou bem arborizada, incorporou novas dimensões, ganhou também fontes luminosas, que causaram tamanha admiração nas pessoas, mais tarde servirão como local de banhos para alguns pobres ordinários, trazendo assim um problema para os administradores, haja vista que essa não era uma conduta que fosse permitida em uma cidade moderna.

Teresina tinha que estar de acordo com o crescimento que estava acontecendo no Brasil inteiro. A economia do país crescia, e a modernização urbanística, modernização na saúde, modernização na moradia, modernização no trabalho, enfim, a modernização tinha que acontecer em todos os setores. Para levar a cabo esse processo, diversos estudiosos prepararam um projeto, denominado de Projeto Piauí, que continha todas as diretrizes para o desenvolvimento do estado – saúde, habitação, economia, urbanístico, turismo:

É toda a gente piauiense, unida, esclarecida e treinada, para traçar, definitivamente, com suas próprias mãos o rumo do seu próprio desenvolvimento. Sem a atitude paternalista do Governo e sem utilizar modelos científicos há muito ultrapassados e hoje apenas

concebidos e empregados por políticos que ainda não compreenderam o seu verdadeiro papel diante de uma comunidade.²

Esse projeto era o plano motor da modernização teresinense. “A partir de 1960, consolidou-se o sistema federal de planejamento, fortalecendo o nível central em detrimento do nível regional, ao mesmo tempo em que os estados aperfeiçoavam suas próprias estruturas de planejamento.”³ Dessa forma, o planejamento estadual foi fundamental para que fossem levados a cabo os projetos do governador Alberto Silva para o Piauí e, em especial, a Teresina:

Tem grande importância nesse quadro a questão relacionada com a educação, fator de desenvolvimento. Constitui mesmo a preocupação principal o Projeto, desdobrado, nesse sentido em quatro direções fundamentais: aperfeiçoamento progressivo dos métodos e sistema educacionais; avaliação qualitativa e quantitativa da formação dos recursos humanos às necessidades do desenvolvimento planejado; respeito à essencialidade de cada cultura através da criação e aperfeiçoamento de métodos e sistemas educacionais, e finalmente, fazer com que a educação não seja privilégio de poucos, mas direito de todos. (O ESTADO, 1971. p. 4.)

Percebe-se que a educação era o ponto fundamental do Projeto Piauí, afinal a educação é a base do desenvolvimento de um povo, haja vista que o discurso governamental colocava o homem na condição de vetor principal da administração de Alberto Tavares Silva, pois o homem é que construiria o novo Piauí. O processo de modernização de Teresina tinha como objetivo melhorar as condições de vida da população e o aspecto físico da cidade. Ainda assim, percebe-se que o objetivo do governador Alberto Silva não foi plenamente atingido, pois existia uma parcela da sociedade que não usufruía das melhorias desse processo e continuava vivendo precariamente, com condições mínimas de saúde e habitação.

A zona central de Teresina até o início da década de 70 era habitada por pessoas

2

3

MENDES, Felipe. *Economia e desenvolvimento do Piauí*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2003.

pobres, que viviam em casebres humildes, cobertos por palha, essa não é uma imagem que nos remete a uma cidade moderna, nos remete a atraso, miséria. Assim, essas pessoas que não somavam ao ideal de progresso foram retiradas de suas casas, e remanejadas para locais bem distantes do centro, locais que não tinham as mínimas condições de habitação, onde toda a sorte de doenças poderiam se disseminar. Alguns conjunto habitacionais foram construídos para essas pessoas, mas não disponibilizavam os equipamentos urbanos necessários para uma moradia digna. O que se percebe é que ao passo que os administradores tomavam medidas para desconstruírem a imagem de atraso, surgiam novos problemas. E aí podemos perceber o que é a cidade moderna, cidade de contradições, cidade de desejos, anseios, paradoxos. Viver em uma cidade moderna é viver entre o novo e o velho, o bem e o mal. Homens e mulheres procurando fazer parte desse processo, e enfim se sentirem em casa.

Quando falamos em um imaginário de progresso pode parecer algo muito abstrato e que não se mostra em todas as pessoas, é significado de diferentes maneiras, falamos que os administradores da década de 70, em Teresina, tinham o desejo do moderno, mesmo sem encontrarmos em discursos essa palavra explícita, no entanto nos apoiamos em Marshal Berman quando este nos fala que “as pessoas podem ser modernistas mesmo nunca tendo ouvido a palavra “modernismo” em suas vidas” (BERMAN, 2007.)

O modernismo, termo que envolve a modernização está em constante mudança. Desta forma ser moderno é viver uma vida de contradições. Ao mesmo tempo que Alberto Silva criava condições para uma cidade bonita, moderna, em contradição e em oposição temos as pessoas que foram afastadas do centro da cidade e foram viver em condições sub-humanas significando o atraso.

O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados

indivíduos e sociedades. (grifo do autor) ” (BERMAN, 2007.)

Parece que Berman está descrevendo a vida de muitos teresinenses, aqueles que se beneficiavam da modernização, a elite econômica e intelectual, e os que sofriam com o processo, sofriam com esse crescimento catastrófico, ao mesmo tempo em que essas duas camadas se aproximam, por estarem vivendo o mesmo processo, se afastam por viverem esse processo de maneiras diferentes, e dessa forma podemos observar as contradições desse processo modernizador. Esse remanejamento dos pobres urbanos de Teresina já significa uma transformação física da cidade que ajuda na construção e disseminação desse imaginário de progresso. As áreas visíveis deveriam ser bem organizadas, salubres e bonitas, signos de uma cidade moderna, aqueles que representavam atraso e não se encontravam em consonância com esse ideal deveriam ser afastados e marginalizados. Deveriam afastar-se da elite teresinense para não contaminá-los, com doenças e figurativamente também.

Pensar em Teresina nesse período é pensar em uma intensa contradição de sentimentos, de desejos, de realidades. Assim como nos informa Berman sobre a modernidade, bem como a modernização um processo que aproxima e afasta as pessoas, e que faz com que o mesmo processo seja vivido e/ou representado de maneiras diferentes.

A construção e a viabilização de um projeto modernizador para o país geraram uma série de mobilizações sociais no campo político e econômico, sendo também afetados os aspectos culturais e sociais. As décadas de 1960 e 1970 foram decisivas ao incutir o imaginário consumista de produtos industrializados, principalmente entre os setores das classes médias, além da venda da imagem da elevação dos padrões de vida, em especial pelo processo de urbanização. Nesse sentido, trajetórias de vidas foram intensamente modificadas na medida em que os centros urbanos iam sendo vistos como lugares promissores para os diversos setores sociais. (LIMA, 2012)

Foi trabalhando esse imaginário coletivo que administradores conseguiram modificar paisagens urbanas, modificar comportamentos, até modos de vestir-se e portar-se na urbe. No urbano não havia lugar para o atraso de permanências do meio rural, por

exemplo, essas ainda existiam na cidade, pois como já foi citado era um momento de intensas contradições, entretanto eram combatidas de maneira aguerrida. O atraso era temido como um monstro que vinha aterrorizar os modernos e desenvolvidos, e muitas vezes esse monstro se encontrava vestido de pessoas pobres com seus cheiros, suas roupas pobres, feias e sujas, com seus maus hábitos e suas doenças que ameaçavam a todo instante o rico.

No que tange ao sistema de saneamento em Teresina, esse precisava passar por reformas, no que diz respeito ao tratamento da água que era servida para os teresinenses e quanto ao número de casas e habitantes que tinham o acesso à água encanada:

No tocante a água foram estendidos 6800 m de tubos, dando condições de abastecimento para mais 5000 habitantes em 1971 [...] Conquanto a água da AGESPISA ainda não esteja submetida a tratamento, os testes de laboratório, a que é submetida periódica e sistematicamente, revela, ser de boa qualidade do ponto de vista físico, químico e bacteriológico. Sem embargo, foram adquiridos cloradores a serem instalados seguindo pontos estratégicos de captação. (MENSAGEM GOVERNAMENTAL, 1971.)

A difusão da água encanada é algo que demonstra crescimento. Quando esta chegou a Teresina a sua repercussão foi festejada como signo do progresso, ao mesmo tempo em que a energia elétrica, o bonde, enfim, no início do século XX.

A cidade inaugurou o serviço de abastecimento d'água em 1906. [...] este serviço atingiu um número muito pequeno dos habitantes da cidade. Na interventoria de Landri Sales (1932-1935), a rede foi ampliada em 13 km, e aumentado o diâmetro da canalização para a oferta de água à população.” (NASCIMENTO, 2002.)

Na década de 70 a água recebia como tratamento a cloração, coisa que quando foi implantada não recebia pois os custos eram elevados, no entanto percebe-se que isso já não basta e que a população reclama constantemente através dos jornais da cidade sobre as condições que se encontra a água fornecida. Embora notemos no discurso do governador que esse tipo de tratamento ainda é suficiente, sendo comprovado por testes laboratoriais, fica então a dúvida a uma historiadora, que assim como qualquer outro não consegue voltar

e viver o passado. Resta-nos questioná-lo, como uma necessidade do nosso presente.

As incursões da administração pública na área da saúde fizeram com que hospitais e postos de saúde fossem construídos, e outros hospitais já existentes fossem reformados. O Hospital Getúlio Vargas, o maior do estado passou por uma reforma significativa, assim como a Maternidade São Vicente e o Hospital Areolino de Abreu. Foi construído o Hospital de doenças Infecto-Contagiosas, pois, “[...] 60% dos óbitos, nesta capital, são causados por doenças infecciosas e parasitárias, fato este que levou a Secretaria de Saúde a estudar o problema seriamente e decidir pela construção do Hospital de Doenças Infecciosas e Parasitárias de Teresina”. (MENSAGEM GOVERNAMENTAL, 1972)

A saúde pública é ponto fundamental para o progresso de um povo, pessoas saudáveis e disciplinadas, corpos e mentes sãs é que constrói o progresso, Teresina se modernizava e a sua população precisava estar de acordo com esse momento, saudáveis e fortes. Ainda que isso não fosse possível para toda a população teresinense, o que não se conseguisse tornar saudável e limpo era possível excluir, mandar para longe dos olhares que importavam, e marginalizar.

Teresina não ficou indiferente a essa mudança que se passava nas demais cidades e, principalmente, nas capitais brasileiras. O aumento de pessoas nos grandes centros urbanos vivendo em precárias condições de existência, proliferando favelas em todas as regiões do país, foi foco das políticas disciplinadoras e de caráter segregador implementadas pelo poder público no sentido de afastar, já que foi impossível a resolução do problema da pobreza, as camadas empobrecidas para periferia das cidades. Esse processo traz consigo, as marcas da intervenção do Estado na vida dessas pessoas, que elaboram representações múltiplas sobre a sua própria trajetória de vida. (MONTE, 2010.)

Assim, consideramos a intervenção do estado na vida das pessoas pobres com o intuito de disseminar o imaginário do progresso e do desenvolvimento, ainda que esse objetivo não tenha sido atingido da maneira que os administradores pretendiam, de alguma forma algo do processo de modernização da cidade de Teresina atingiu essas pessoas, bem ou mal, elas fizeram parte disso tudo.

O imaginário de progresso estava intimamente ligado a imagem de Alberto Silva, esse governante pretendia com seus projetos e sonhos transformar Teresina, para tanto se

colocou como motor de um processo que precisava de todos os teresinenses, pois não há cidade moderna com pessoas que não sabem viver em uma e que não desejam uma, daí a importância da consolidação desse imaginário de progresso. Pensar Teresina nos anos 70, em especial nos cinco anos iniciais da década é pensar em investimentos vultosos, obras faraônicas. Dirceu Mendes Arcoverde, como sucessor de Alberto Silva também colocou em prática alguns dos projetos do governante anterior, mas sua administração não teve o furor da administração de Alberto Silva. Talvez isso se dê pela grandiosidade de suas obras e pela grandiosidade de seus sonhos.

Alberto Silva em alguns momentos se colocou um verdadeiro prefeito para Teresina, conseguindo ofuscar a imagem do real prefeito, Joel Ribeiro, entretanto isso se dava pela sua grande influência, principalmente no meio jornalístico, fazendo assim com que a maior parte da imprensa festejasse os seus feitos com uma pompa digna de reis, e Joel Ribeiro acabava por não conseguir os holofotes para os seus feitos. Não contando com a equipe de marketing que o então governador contava essa tarefa de aparecer se tornava um pouco mais difícil para o prefeito. O que resta dessas disputas é um crescimento e modificação na paisagem urbana da cidade que se tornaram símbolo de uma época, e ficou cristalizado na memória dos teresinenses e até dos piauienses com o nome de um governador, Alberto Silva.

BIBLIOGRAFIA

BACELLAR, Olavo Ivanhoé de Brito. *Carta Cepra*, Teresina, v.15, n.1, jan.-jun, 1994.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol.1. Memória e História. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984. Apud: CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. *As reflexões sobre o Imaginário Social*. 2011.

BARROS, José D' Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2009.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

JUNÍOR, James William Goodwin. *Anunciando a civilização: imprensa, comércio e*

modernidade fin-de-siècle em Diamantina-MG In: *Projeto História*: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo n. 3, dez 2007. p.97- 117. São Paulo: EDUC.

LIMA, Talita Kamache Rodrigues de. *Mais saúde para o progresso*: as políticas públicas de saúde e higiene em Teresina e a modernização da cidade (1971-1975). Monografia. UFPI, 2012. 60 p.

MONTE, Regianny Lima. *A cidade esquecida*: (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970. Dissertação de mestrado. UFPI, 2010.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A cidade sob o fogo*: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945). Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. O olhar do outro sobre os pobres urbanos de Teresina na década de 1970 In: *Anais do X encontro de história oral-Testemunhos: História e Política*. Recife, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, nº 16, 1995, p.279-290.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

TEIXEIRA, Tomáz. *Alberto Silva*: o mito e o político – o que eu vi, ouvi e aprendi. Teresina: Halley, 2010.

FONTES

JORNAL O DIA – ANOS 1971 – 1975

MENSAGENS GOVERNAMENTAIS – ANOS 1971 - 1975